

O ESPIRITO DE ASSIS

No dia 27 de Outubro de 1986, o Papa João Paulo II, colocou em acto uma grande intuição: convocou para Assis os representantes das religiões de todo o mundo, para que, de tantos corações, e de tantas línguas se elevasse ao único Deus uma coral oração pela Paz.

Acolheram o convite 70 representantes das principais Religiões, e ao mundo inteiro foi oferecida uma esperança de poder edificar um mundo diferente, novo, finalmente fraterno e plenamente humano.



O acontecimento teve em si, significados importantes: a paz é um bem que não pode ser partilhado por todo o homem que reentre em si mesmo; a paz, tendo em conta as actuais condições das relações entre os homens, não se pode alcançar sem a intervenção de Deus. Por isso, o encontro foi apenas um encontro de oração, oração de cada um no mundo espiritual da própria religião: para que cada um pudesse, com liberdade, alcançar a própria interioridade e ali considerar a condição da vida dos homens e pudesse ao mesmo tempo, elevar a Deus, conscientes da demonstrada incapacidade por parte da humanidade, uma súplica pela Paz.

Pareceu que, o clima de fraternidade universal que se respira na cidade de S. Francisco, tivesse conseguido permear pessoas assim tão diferentes: foi chamado o Espírito de Assis, e sucessivamente, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz (1987) também, a Lógica de Assis.

No primeiro encontro, reunidos diante da Porciúncola, como que a acolher todo o dom da graça, João Paulo II, recordou ter escolhido a cidade de Assis como lugar para a jornada de oração, pelo particular significado do homem santo que ali é venerado S. Francisco - conhecido e reverenciado por tantos no mundo, como símbolo de paz, reconciliação e fraternidade. Portanto, o Papa decidiu apresentar a iniciativa em nome de Francisco: homem que abate barreiras, capaz de abrir as portas, que todo o homem pode sentir como irmão.

Com o mesmo intuito, o encontro foi repetido em 10 e 11 de Janeiro de 1993, enquanto decorria a guerra nos Balcãs entre nações nascidas da Jugoslávia. O Papa João Paulo II, perante os factos de uma feroz violência e uma ulterior prova da incapacidade do homem para encontrar os caminhos da paz, afirmou que apenas na mútua aceitação do outro e no conseqüente mútuo respeito, tornado mais profundo pelo amor, reside o segredo de uma humanidade finalmente reconciliada.

No dia 24 de Janeiro de 2002, depois dos terríveis acontecimentos de 11 de Setembro de 2001, que tinham mostrado a todo o mundo a força destruidora do ódio e do terrorismo, capazes de explodir em qualquer ângulo do mundo, quando ainda ardiam as Torres Gémeas de New York, e em Kabul caíam as bombas, o Papa convidou, uma vez mais, para um encontro em Assis, pedindo às várias Religiões que se fizessem instrumento de paz, porque o ódio e a guerra não levam se não, a outro ódio e outra guerra.

No dia 2 de Setembro de 2006, Bento XVI ofereceu- nos uma sua Mensagem para comemorar o vigésimo aniversário deste extraordinário acontecimento do Espírito de Assis, evento de vida e de esperança que paira sobre as escuras tramas da história. Nessa Mensagem sublinhou a actualidade da iniciativa profética de João Paulo II; de facto, no presente, a humanidade vive numa situação muito diversa da que se vivia há 20 anos atrás, mas a necessidade de procurar caminhos de paz é talvez, ainda mais dramática: O terceiro milénio abriu-se com cenários de terrorismo e de violência que não parecem querer dissolver-se.

Poderia pensar-se que o caminho das Religiões seja ineficaz, sem uma tomada de posição sobre os problemas reais das relações entre os povos. Aliás, nalgumas circunstâncias, parece que se regressa a manifestações de violência em nome da religião. O Papa afirma com clareza: quando o sentido religioso atinge a sua maturidade, cria no crente a percepção da fé em Deus, Criador do universo e Pai de todos, e não pode não promover entre os homens relações de universal fraternidade. De facto, testemunhos da íntima ligação existente entre a relação com Deus e a óptica do amor, registam-se em todas as grandes tradições religiosas. Portanto, para Bento XVI, como para João Paulo II, a Lógica de Assis baseia-se fundamentalmente sobre esta realidade: a relação com Deus que se exprime na oração, como íntimo encontro no coração de cada homem, lugar das intervenções de Deus. É esta a dimensão vertical da relação de cada um com Deus, no qual tudo tem o seu fundamento. É a coluna vertebral que sustenta a existência do homem.

A oração não divide, mas une, e é um elemento determinante para uma eficaz pedagogia da paz, assente sobre a amizade, sobre o acolhimento recíproco, sobre o diálogo entre os homens de diversas culturas e religiões. Eis, portanto, como o diálogo cria o amor entre os irmãos, e a relação entre os homens, e lança os fundamentos para uma convivência de paz. Esse é como que o eixo horizontal da nossa vida. O Papa Bento, não perde a ocasião de falar do diálogo que é acolher o outro em nós, tomar a sério as razões do outro. Esse deve sempre mais caracterizar-se como diálogo sincero e reciprocamente respeitoso.

Em 20 de Agosto de 2005, em Colónia, afirmou que o diálogo é uma necessidade vital da qual depende, em grande parte, o nosso futuro. Em 25 de Setembro de 2006, em Roma, reafirmou que o diálogo inter-religioso é uma necessidade para edificar juntos um mundo de paz e de fraternidade, ardentemente desejado por todos os homens de boa vontade.

Pe. Lorenzo Di Giuseppe

(tradução livre de Fr. José Augusto OFMConv)